



A coleção de cartografia do Município de Vila Franca de Xira. Um projeto em esboço

José Rocha^a

^aMunicípio de Vila Franca de Xira. Arquivo Municipal

Resumo

O concelho de Vila Franca de Xira tem um território com cerca de 318Km². No âmbito das suas competências, o Município de Vila Franca de Xira procedeu, ao longo do século XX, a campanhas de levantamento cartográfico do concelho e a intervenções urbanísticas em espaços e equipamentos públicos. Consequência disso, as unidades orgânicas do município responsáveis pela gestão do território produziram e acumularam uma coleção de peças que a certa altura foi apelidada de “arquivo de desenhos”, perdeu interesse e uso administrativo face aos modernos Sistemas de Informação Geográfica e foi transferida para o Arquivo Municipal. É um conjunto que se estima que ultrapasse 20.000 documentos guardados, a maioria, em 32 armários metálicos de acondicionamento vertical. No Arquivo Municipal existem cerca de 700 outras peças (sobretudo cartografia, também desenhos de arquitetura), identificadas e de outras proveniências, que agora se reuniram com os referidos 32 armários. E com eles, algumas centenas de outras peças sem contextualizar nem acondicionar. E agora? A equipa do Arquivo Municipal está a esboçar um projeto de intervenção sobre este conjunto documental. É disso que nos propomos falar.

Palavras-chave: Cartografia; Tratamento documental; Difusão; Vila Franca de Xira.

Introdução

O concelho de Vila Franca de Xira tem um território com cerca de 318Km². No âmbito das suas competências, o município procedeu, ao longo do século XX, a várias campanhas de levantamento cartográfico do concelho; segundo informação recolhida, mas a validar, supomos que essas campanhas tenham ocorrido pelo menos nos anos 20, em 1949 e 1954 (duas campanhas relacionadas), em 1970 e em 1989 (em função do Plano Diretor Municipal, aprovado em 1992). Além dessas campanhas mais sistemáticas, digamos, as unidades orgânicas do município responsáveis pela gestão do território foram produzindo, reproduzindo e acumulando vária outra documentação cartográfica e arquitetónica de controlo e de representação do território ou ligada a intervenções urbanísticas em espaços e equipamentos públicos.

Consequência disso, foi constituída uma coleção de peças desenhadas pragmaticamente apelidada de “arquivo de desenhos”. Trata-se de um conjunto que se estima que ultrapasse 20.000 documentos, guardados em 33 armários metálicos de acondicionamento vertical. A coleção foi a certa altura organizada, classificada e descrita, embora de forma elementar e não normalizada, por um antigo funcionário da instituição, o qual produziu um sistema de fichas que permitem a recuperação. O facto de este funcionário ter sido responsável pela coleção durante cerca de duas décadas garantiu-lhe estabilidade. Aquela documentação perdeu interesse e uso administrativo

face a documentos mais recentes, nado digitais e produzidos nos modernos Sistemas de Informação Geográfica. Passou, em vez de “arquivo de desenhos”, a ser conhecida como “antigo arquivo de desenhos” e foi recentemente transferida para o Arquivo Municipal.

Antes de receber a referida coleção, o Arquivo Municipal reunira já um conjunto de peças desenhadas (cartas e desenhos de arquitetura, originais e cópias) de que se destacam: cerca de 700 peças de distintas categorias (levantamentos aerofotogramétricos, planos de pormenor e de urbanização, levantamentos topográficos, projetos de execução de arranjos exteriores, projetos de infraestruturas, etc.); e 91 cartas militares de várias regiões do país (além de algumas de Espanha), datadas da primeira metade do século XX.

Além do “antigo arquivo de desenhos” e das cerca de 700 outras peças que se referiram, o Arquivo Municipal conserva ainda algumas centenas de outras peças que lhe vieram parar aos depósitos e que estão sem contexto identificado, por tratar e por acondicionar.

E agora? Estamos perante um desafio e uma oportunidade. Agora reunida, esta a que provisoria e operativamente chamamos “coleção de cartografia” – embora conscientes de que uma pequena parte das peças que a formam são, na verdade, desenhos de arquitetura – é, inequivocamente, a mais relevante e valiosa coleção de informação sobre a evolução geográfica e urbanística da parcela do território nacional que representa. É também, pelas datas, suportes, formatos e meios de registo da maioria dos seus documentos, uma unidade documental singular dentro do Sistema de Informação de Arquivo do Município de Vila Franca de Xira. Não tem a dimensão de coleções afins de alguns outros municípios (CONDE, 2015, p. 24), mas não desmerece. Merece ser preservada e potenciada.

A equipa do Arquivo Municipal está a esboçar um projeto de intervenção ou plano de ação sobre este conjunto documental. Entre as ações desse projeto de intervenção, destacam-se as seguintes já definidas, algumas em curso:

1. Recolha de bibliografia e normas e partilha de conhecimento

Estamos a pesquisar bibliografia especializada e normas cuja leitura nos permita consolidar e aprofundar conhecimentos relativos à conceção, uso e tratamento aplicáveis às tipologias e suportes documentais que temos em mãos. Interessam-nos, desde manuais técnicos a orientações e dissertações académicas. Embora nos seja útil conhecer algumas das normas aplicáveis à criação de desenhos técnicos, que são muitas (CUNHA, 2017, p. 699), interessam-nos sobretudo aquelas aplicáveis à descrição arquivística.

Julgamos que uma ação de *benchmarking* que rastreie boas práticas de descrição arquivística de documentação afim em bases de dados de descrição documental e em instrumentos de descrição documental será muito útil para o nosso trabalho. Se é verdade que cada arquivo é único no seu acervo e na sua organização, é igualmente verdade que de boas descrições podemos retirar muito benefício; no mínimo, a leitura de boas descrições inspira a escrita de boas descrições.

Iniciámos uma série de visitas a arquivos especializados em cartografia e arquitetura e arquivos com boas práticas de tratamento deste tipo de documentação. Já visitámos o SIPA/Forte de Sacavém e a Biblioteca de Arte e Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian.

Ao mesmo tempo, propusemo-nos participar em encontros científicos da área que permitam aprender com colegas e responsáveis por acervos afins. Sublinhamos a este respeito o Congresso Internacional de Arquivos de Arquitetura “Experiências Profissionais na Diversidade Cultural” (Braga, 25 a 27 de setembro de 2019).

2. Constituição de um grupo de trabalho

Estamos a estabelecer contactos com vista a criar um grupo de trabalho multidisciplinar que inclua, além de arquivistas, técnicos de conservação e restauro, geógrafos, urbanistas e desenhadores. O objetivo deste grupo é assessorar os arquivistas em toda a fase da intervenção,

com destaque para: recomendações para o tratamento físico e o acondicionamento; identificação de suportes e meios de registo; produção da história administrativa, custodial e arquivística; e descrição em geral.

3. Diagnóstico preliminar da documentação

Integrando-se, de certo modo, nesta ação, foi feita em junho passado a incorporação no Arquivo Municipal de dois armários de acondicionamento vertical com peças do “antigo arquivo de desenhos” que ainda permaneciam no Departamento de Planeamento e Gestão Urbanística. Deste modo, julgávamos, estava reunida a coleção. Muito recentemente, identificámos um último armário que completa a coleção proveniente deste departamento. E, ao mesmo tempo, identificámos uma outra coleção no Departamento de Obras, Viaturas e Infraestruturas, com nove armários e várias peças por acondicionar. Tudo isto será brevemente reunido.

Mantivemos isolados uns dos outros os vários conjuntos documentais reunidos, de modo a respeitar as distintas proveniências.

Identificámos e numerámos provisoriamente os armários e outras unidades de instalação, mantendo em campo próprio a designação antiga dessas outras unidades de instalação, de modo a manter a sua relação com instrumentos de descrição que existam.

Reunimos todos os instrumentos de descrição e outros metadados associados a esta documentação. No caso daqueles que não existiam em formato eletrónico, estão a ser transcritos.

Registaremos tudo quanto possa vir a ajudar a reconstituir unidades documentais. Por exemplo, temos nesta coleção algumas peças desenhadas de projetos arquitetónicos de obras municipais; nesses casos tentaremos localizar as peças escritas desses projetos e relacionar as unidades documentais.

Daqui esperamos poder formular uma primeira proposta de organização e classificação desta unidade documental que, como referimos, por ora denominamos de “coleção de cartografia”; porém, o resultado final poderá evidenciar várias coleções ou séries.

4. Tratamento físico e acondicionamento

Quando da primeira abordagem à documentação, fomos confrontados com algumas situações de anomalia e deterioração de peças, das quais se destacam três situações.

1. Um dos armários metálicos de acondicionamento vertical tinha sido afetado com uma infiltração de água, sendo que a humidade elevada permanecia há meses dentro do armário, tendo desenvolvido muitos focos de fungos; com apoio de um conservador-restaurador da autarquia, lográmos salvar quase todas as peças (ainda que salvando-se a informação registada, em muitas das peças o suporte sofreu acentuado escurecimento), repondo os níveis de humidade e removendo as charneiras.
2. Identificámos peças soltas caídas no fundo de vários dos armários metálicos de acondicionamento vertical.
3. Há várias peças que nos chegaram com marcas de degradação, tais como rasgões, lacunas, vincos, ferrugem, sujidade e descoloração.

O tratamento físico e acondicionamento será uma das ações mais desafiantes. As normas, que já verificámos praticadas nalguns arquivos, sugerem que as peças com formato A0 e inferior sejam guardadas em armários metálicos de acondicionamento horizontal e que as peças de formato superior a A0 sejam guardadas em rolos. No caso da larga maioria das nossas peças, atualmente em armários metálicos de acondicionamento vertical, pelo seu número, o reacondicionamento terá custos elevados, que ainda não calculámos. O reacondicionamento nesses moldes implicará a remoção das charneiras, que estão unidas por adesivos difíceis e morosos de remover.

Ainda não apurámos com rigor todos os suportes existentes na coleção. Aparentemente, são na maioria papel vegetal, papel, película poliéster e diazótipo (ozalid). Não encontramos papel cianótipo (blueprint).

Montámos já uma bancada de trabalho e estamos a reunir materiais que nos permitam intervir profissionalmente neste campo.

5. Descrição, digitalização e difusão

Tendo em conta o diagnóstico em curso, analisados os metadados recolhidos e produzida uma primeira versão da história administrativa e da história custodial e arquivística, procederemos à descrição arquivística normalizada da coleção. Projetamos, idealizamos, que a descrição se venha a fazer ao nível da peça (documento simples).

Embora existam outras normas aplicáveis à representação de material cartográfico (SANTOS, 2012, p. 26), pretendemos descrever a documentação em causa ao abrigo da versão mais recente das Orientações para a Descrição Arquivística (ODA), considerando que correspondem ao desenvolvimento nacional da ISAD (G) e que na II Parte fornecem orientações para a descrição normalizada de autoridades arquivísticas em conformidade com a ISAAR (CPF).

As descrições serão integradas no software de gestão e descrição arquivística Archeevo, usado no Sistema de Informação de Arquivo do Município de Vila Franca de Xira. Deste modo, as representações arquivísticas desta unidade documental ficarão acessíveis através do portal de pesquisa (<https://arquivo.cm-vfxira.pt/>).

Feita a descrição, e só então, será feita uma proposta de transferência de suporte (digitalização) da coleção que, a ser aceite e concretizada, permitirá: a imediata divulgação pública dos objetos digitais daí resultantes e que sejam comunicáveis, associados às descrições arquivísticas; e, não menos importante, a preservação da informação e a sua mais ágil reutilização.

Conclusão

As ações implementadas até ao momento têm-nos permitido evoluir no conhecimento da coleção, registar esse conhecimento e gizar um plano de ação sólido e sistemático que inclua, entre outras, decisões e ações ao nível de: organização, acondicionamento, descrição, digitalização e difusão deste conjunto documental.

Queremos que este trabalho resulte da confluência de duas vias de abordagem e construção do conhecimento: a via maiêutica – trazer à luz a informação que já está nas peças e no seu contexto – e a via pedagógica – adotar e implementar as normas e as boas práticas verificadas noutros trabalhos e projetos.

Temos consciência de que estamos apenas a começar, de que é muito pouco o que já avançámos e, conseqüentemente, o que podemos aqui apresentar. Estamos, em linguagem arquitetónica, ainda distantes do projeto de execução, mais bem, no estudo prévio, diante de um esboço.

Bibliografia

- ARCHIVES Damage Atlas. A tool for assessing damage.* Comp. Peter van der Most, Peter Defize, John Havermans. Ed. Erik van der Doe. Haia: Metamorfoze, 2010. Acessível em: <https://www.ica.org/en/archives-damage-atlas-tool-assessing-damage>.
- CARRASCAL SIMÓN, Andreu; GIL TORT, Rosa Maria – *Los documentos de arquitectura y cartografía: qué son y cómo se tratan.* Gijón: Ediciones Trea, 2007.
- CENTRO DE INFORMAÇÃO GEOPESPACIAL DO EXÉRCITO – *Centro de Informação Geoespacial do Exército: os caminhos trilhados.* Lisboa: Palmigráfica, 2016. Acessível em: http://www.igeoe.pt/downloads/file182_pt.pdf.

- CONDE, Maria Cidália Alves – *Arquivo da Divisão de Projectos de Equipamentos da Câmara Municipal de Lisboa*. Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação e da Documentação – Área de Especialização em Arquivística. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2015. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10362/15646>.
- CUNHA, Luís Veiga da – *Desenho técnico*. 17ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.
- GODINHO, Pedro Miguel Serra – *Tratamento arquivístico de documentação da Direcção-Geral de Obras Públicas e Comunicações do extinto Ministério do Ultramar*. Relatório de estágio orientado do mestrado em Ciências da Documentação e Informação. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10451/6978>.
- INTERNATIONAL COUNCIL ON ARCHIVES. Section on Architectural Records. *A guide to the archival care of architectural records. 19th-20th centuries*. Paris: International Council on Archives, 2000. Acessível em: <https://www.ica.org/sites/default/files/ArchitectureEN.pdf>.
- MANTA, Virgínia, FRANÇA; Paula; GONÇALVES, José Alberto – Tratamento e difusão da cartografia histórica na Câmara Municipal de Coimbra. In GRUPO DE TRABAJO DE CARTOTECAS PÚBLICAS HISPANO-LUSAS (IBERCARTO) – VIII IBERCARTO: *Cartografía: Fuente de saber e instrumento de conocimiento. Porto, 15-17 de novembro de 2018*. Acessível em: <https://www.fc.up.pt/biblioteca/ibercarto/es/programa>.
- SAMPAYO, Mafalda; MARAT-MENDES, Teresa – Análise e avaliação dos arquivos de cartografia urbana em Lisboa no estudo da forma urbana. In N. N. Pinto, A. Almeida (Eds) – *Book of Abstracts of PNUM 2013*. The 2013 Annual Conference of Portuguese Network of Urban Morphology, Coimbra, June 27 and 28, 2013. Coimbra: Department of Civil Engineering of the University of Coimbra, 2013, p. 593-595. Acessível em: https://www.dec.uc.pt/~pnum2013/Proceedings_PNUM2013.pdf.
- SANTOS, Aline Abreu Migon dos; GONCALVES, Margarete Regina Freitas; BOJANOSKI, Silvana de Fátima – Plantas arquitetônicas em papel translúcido industrial: um diálogo entre arquitetura, arquivologia e patrimônio. *Acervo. Revista do Arquivo Nacional*. 27:1 (2014) 361-374.
- SANTOS, Sara Isabel Pássaro dos – *Descrição de Peças Desenhadas do Fundo do Gabinete da Área de Sines*. Relatório de Estágio de Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação - Arquivística. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2012. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10362/9375>.